

ESPIRITUALIDADE DO ABANDONO

EM SÃO GASPAR BERTONI



Padre Divo Barsotti

**Tradução do Italiano para a Língua Portuguesa:
Padre José Luiz Nemes, CSS [2005]**

†
†††
†

ESPIRITUALIDADE DO ABANDONO EM SÃO¹ GASPAR BERTONI

Autor: Divo Barsotti ²

Tradução: Pe. José Luiz Nemes ³, maio de 2005

Os maiores centros de vida religiosa italiana no século 19 foram Roma, Turim e o triângulo: Verona, Bérgamo, Bréscia. Roma, na primeira metade do século, teve São Gaspar del Bufalo, São Vicente Palloti, o Bem-aventurado Domingos da Mãe de Deus, além de muitos outros. Pode-se afirmar que a Igreja romana jamais esteve tão rediviva, como nos decênios que vão da morte de São João Batista De Rossi e de São Paulo da Cruz, até a morte do Cardeal Odescalchi, pelos idos de 1850. Turim conseguirá maior resplendor que Roma, até o final de 1800, com São José Benedito Cottolengo, São José Cafasso, São João Bosco, São Leonardo Murialdo, Pe. Rua, Pe. Marchisio. Outro grande centro foram as províncias de Verona, Bréscia e Bérgamo, mais ligadas à tradição do catolicismo vêneto que do catolicismo lombardo. Destas três províncias, porém, Verona foi a que mais contribuiu com homens ilustres para a renovação da Igreja, no século 19. No decorrer do século foram fundados cerca de 20 novos Institutos na cidade. Um dos primeiros a começar, em Verona, o movimento de renovação espiritual foi Pe. Gaspar Bertoni. Na história da espiritualidade italiana do século 19, ele tem papel bem definido e especial relevância.

Quase no início do movimento religioso-espiritual de Verona do século 19, muitos méritos de renovação, são creditados a ele. Devemos afirmar que o movimento religioso católico de Verona não se extinguiu. Como o Piemonte nos deu, nos primeiros decênios do século 20, Pe. Orione, assim Verona floresceu com Pe. Calábria. Nos últimos 150 anos, quanto ao aspecto religioso, Verona foi uma cidade das mais florescentes de toda cristandade. Não teve personagens deslumbrantes. Todavia, o número de pessoas que viveram o compromisso de doação e de serviço, bem como o empenho na procura do Absoluto e na docilidade ao Espírito de Deus, não deixam de causar profunda impressão.

Pe. Gaspar nasceu em 1777. Morreu em 1853. Foi o Fundador dos Estigmatinos, congregação religiosa que não teve grande desenvolvimento. Contudo, a envergadura espiritual de Pe. Gaspar não pode ser analisada somente em nível de fundador de congregação religiosa. Na história da espiritualidade italiana ele é uma figura de suma importância. Talvez, a mais interessante de sua cidade.

¹ Em 1971, Pe. Gaspar tinha o título de “Venerável”. Este termo, em muitas passagens, foi substituído por “são” ou “santo”.

² A biografia do autor está no final do texto.

³ Pe. José Luiz Nemes é sacerdote estigmatino, ordenado aos 7 de dezembro de 1969. Foi Superior Provincial, e também Superior Geral (1988 - 2000). Retornou à Casa do Pai em 24/08/2018.

Se quisermos considerá-lo e estudá-lo, devemos recorrer essencialmente a seus escritos. Dele já temos muita coisa publicada por seus seguidores religiosos: o Epistolário, o Memorial, Sermões, Instruções... Muito ainda há de inédito no arquivo da Congregação.

Duas obras, sobretudo, tem importância para o estudo de sua doutrina espiritual: o "Memorial Privado" e o "Epistolário". Podemos seguir, bastante fielmente, através destas duas obras, sua vida, desde quando - com pouco mais de trinta anos - enveredava pelo caminho da santidade, até quase os últimos anos de sua vida.

Não temos documentos escritos, tão importantes como estas duas obras, nos últimos anos de sua existência terrena. O "Memorial" vai de 1808 até 1813. Antes, porém, de encerrar os escritos do Memorial, Pe. Gaspar Bertoni passara a dirigir uma religiosa. Ela era fundadora de um Instituto feminino, de inspiração inaciana. Leopoldina Naudet nasceu em Florença. Dama da corte, acompanhou, juntamente com a irmã Luiza, o Grão Duque a Viena, quando se tornou Imperador da Áustria. Em Viena, já estava de acordo com a Arquiduquesa para criar um Instituto, ao qual deu início; este passou por inúmeras vicissitudes. A partir de 1810, Leopoldina encontrava-se quase sozinha em Verona. Aí permaneceu até sua morte, em 1834.

Em Verona Leopoldina Naudet começou iniciou sua obra com aferrado empenho. Com seu pequeno grupo, reuniu-se, debaixo do mesmo teto, com o grupo das filhas de Madalena de Canossa. Os dois grupos, porém, mantinham-se distintos na organização e na finalidade. Viveram juntas por algum tempo, até encontrarem locais próprios para cada uma. Separadas, construíram vida autônoma. Madalena de Canossa, com seu instituto, desenvolveu uma congregação mais moderna, de caráter laical, enquanto Leopoldina Naudet optou por vida religiosa de tipo monacal. O instituto fundado por Naudet, em Verona, é o das Irmãs da Sagrada Família.

A orientação dada por Pe. Gaspar a Leopoldina Naudet, começou antes que ele concluísse o "Memorial Privado". Assim, podemos verificar, nos últimos textos do Memorial o desabrochar, ao menos implicitamente, desse relacionamento.

A verdadeira direção espiritual prosseguiu até 1818-20. Portanto, cinco ou seis anos somente. Pe. Gaspar, todavia, continuou escrevendo a Naudet, mesmo depois de 1820 até a morte dela. O conteúdo das cartas tornou-se mais árido e abstrato, e não revela, então, os sentimentos recônditos de Pe. Gaspar.

Se o Memorial e o Epistolário, especialmente pelas cartas a Naudet, são documentos de incomparável valor para se conhecer o pensamento interior de Pe. Gaspar e compreender sua doutrina, não podemos nos esquecer de duas outras pequenas publicações: um livro contendo alguns de seus sermões ("Páginas de vida cristã") e um curso de exercícios aos eclesiásticos. Na tese de Pe. Nello Dalle Vedove "Um mo-

delo de Santo Abandono", aparecem frequentemente citações muito importantes de exortações aos seminaristas, denominadas "Comentário sobre os livros dos Reis", possivelmente não publicada. Estes textos nos permitem conhecer a alma e a espiritualidade de Pe. Gaspar. Podemos dizer que a pesquisa nos leva a descobrir em Pe. Gaspar um mestre de notável grandeza, e até mesmo, de muita originalidade. Originalidade mais de orientação do que de doutrina. A grandeza está no poder de síntese, um pouco esquematizada, é verdade, mas que revela a simplicidade e a segurança de seu espírito de fé.

Difícilmente se encontra nos escritores espirituais, ao menos nos últimos séculos, uma dependência da Sagrada Escritura como em Pe. Gaspar. Ele vive, verdadeiramente, em relação constante com os Salmos, com os Evangelhos, com São Paulo, ou melhor, com todos os livros da Sagrada Escritura. No Epistolário aparecem continuamente textos da Sagrada Escritura do Antigo e do Novo Testamento. Sua vida interior depende dos textos. Estes se tornam seu guia, sua norma de agir. Sobre eles se modela, deles tira a luz e a diretriz para seu caminho. Lê-se no Memorial: "o Senhor gostaria de falar com muitas almas, se elas se recolhessem um pouco, pois o mundo faz muito barulho ao redor delas". A escassez dos apontamentos no Memorial não permite referências à Sagrada Escritura. No Epistolário, porém, as citações são constantes. Muitas vezes, como na primeira carta a Naudet, as citações da Sagrada Escritura aparecem em maior quantidade que suas próprias palavras. Deve-se salientar que a espiritualidade de Pe. Gaspar depende muitíssimo de um estudo amoroso e atento da palavra de Deus. Ele dá atenção especial aos Evangelhos e aos Salmos. Dos Salmos há dois que aprecia muito e estão vez por outra em sua pena: o Salmo 90 e o Salmo 35.

Seria importante fazer um estudo sobre as citações bíblicas, sempre presentes, para determinar se sua doutrina depende diretamente da meditação da Palavra de Deus, ou, se estas elas somente confirmam uma doutrina que ele extrai, antes de tudo e essencialmente de modelos preestabelecidos: Santo Tomás (Suma Teológica) e Santo Inácio (Exercícios Espirituais). É muito difícil encontrar outros escritores espirituais que façam a Escritura falar tão alto e tão oportunamente. Afirmar que as citações são mero ornamento literário ou ostentação erudita é simplesmente comprovar incapacidade de entender, falta de compreensão intelectual e de honestidade. Mesmo afirmando-se que a doutrina espiritual de Pe. Gaspar se origina, não da Sagrada Escritura, mas da Suma Teológica e dos Exercícios de Santo Inácio - o que parece impossível, justamente por causa do seu caráter livresco e esquemático, muito lúcido e racional -, devemos aceitar que a Palavra de Deus não é somente confirmação racional de doutrina. A Palavra de Deus, que tão naturalmente lhe brotava dos lábios e aparecia calorosa em seus escritos, confirmava que sua oração, a meditação religiosa interior, conduzia a uma doutrina, à qual, talvez, tivesse já aderido racionalmente. E era, por esta razão, que a própria doutrina tinha força para ele.

O que prejudica um estudo da espiritualidade Bertoniana é a falta de escritos dos últimos trinta anos de sua vida. Uma perda irreparável foi a destruição da correspondência que Pe. Gaspar manteve com Pe. Luís Bragato, seu filho predileto, nos decênios que este esteve na Corte de Viena, como confessor da Imperatriz. As migalhas que sobram, nos fazem lamentar a perda, pois demonstram abertura amigável e confidencial, o que é muito difícil numa alma habitualmente bastante controlada.

O documento fundamental continua sendo o Memorial Privado, que se assemelha ao diário de Santo Inácio de Loiola por seu laconismo. O que prejudica o valor da comparação com o diário de Inácio, - que nos oferece uma abertura da alma do santo nos anos de sua plena maturidade -, é que o Memorial de Pe. Gaspar nos apresenta sua vida íntima, quarenta anos antes da morte.

Pelos documentos que possuímos, podemos, todavia, afirmar que se torna bem difícil delinear a evolução da vida interior de Pe. Gaspar. Parece não ter havido evolução. A impressão é a de que ele nasceu maduro. Talvez as dificuldades de família contribuíram sobremodo para amadurecê-lo desde a juventude. Vem-nos a dúvida de que não só seja impossível determinar se ele, - como nos assegura Nello Dalle Vedove -, tivesse chegado, em sua vida, à união teopática, mas também de que na realidade ele jamais tenha superado aquele grau de união que nos mostra o Memorial, mesmo supondo que a união, se tornasse com o tempo, mais contínua, e o exercício da virtude mais heróico.

Todo o século 19 foi de restauração e renovação. A restauração deu, sobretudo ao espírito inaciano, um novo e maravilhoso impulso, uma fecundidade extraordinária. São incontáveis os institutos, especialmente femininos, que se inspiraram nas constituições da Companhia de Jesus. Das congregações masculinas, ao menos na Itália, uma que deve quase tudo ao espírito inaciano é a Congregação dos Estigmatinos, fundada por nosso santo.

São Gaspar é, de fato, uma dentre as grandes almas inacianas que a Itália produziu. Um pouco fechado e circunspeto, esquivo por temperamento e impedido de trabalhar livremente por causa de doenças quase contínuas, talvez algo retrógrado, um pouco árido como vontade e afeto, comedido, prudente, de inteligência clara e precisa, sólido na sua fidelidade a Deus e à Igreja, sem dúvidas ou vacilações em relação ao bem, ele revelou, sobretudo, os aspectos contemplativos da espiritualidade inaciana.

Não estou muito de acordo em fazer coincidir a experiência e a doutrina mística de Pe. Gaspar com a experiência contemplativa e a doutrina mística de São João da Cruz ou de Santa Tereza. É indubitável que nosso santo seja um místico e sua espiritualidade seja naturalmente orientada para a mística. Contudo, nem a experiência mística, nem a doutrina, como se apresenta no Epistolário e no Memorial, possui real

afinidade com a experiência e a doutrina dos dois santos carmelitas. A doutrina é mais reduzida, e menos rica a experiência. Doutrina e experiência, por outra parte, se aproximam mais de Santo Inácio, que é verdadeiramente o mestre de Pe. Gaspar. O próprio Memorial, documento de excepcional valor, tem as mesmas características, como dissemos, do diário espiritual de Inácio. O mesmo laconismo, que muitas vezes torna difícil a avaliação de uma experiência, apenas acenada, ou de riqueza e profundidade da doutrina.

Homem da restauração, inimigo declarado do jansenismo e do galicanismo, dá a impressão de ser menos inimigo do josefinismo austríaco. Fiel e admirador do Imperador austríaco, certamente não podia entender uma concepção mais democrática e livre do Estado. Admirador de De Maistre, de Le-Mennais, do Visconde de Bonald (Epistolário, carta 136, p. 232: "De Maistre, Le-Mennais, O Visconde de Bonald são três grandes homens que a Providência mandou para modificar este século"), não permaneceu fiel à amizade com Rosmini. Purista e admirador de Pe. Cesari, foi incapaz de entender e, sobretudo, de entrar no movimento de renovação cultural que marcou sua época. Além disso, a doença o isolou do movimento das idéias, impedindo-o de participação nos acontecimentos. Morreu em tempo para não ver desmoronar o mundo da restauração, que ele talvez pensou, se não necessária, ao menos favorável ao Cristianismo e à Igreja.

De qualquer forma, os princípios que inspiram e sustentam sua doutrina espiritual mantêm sua validade. Se ele não foi um profeta que antecipou métodos e modalidades, foi certamente um santo que viveu, além dos tempos, seu abandono a Deus e sua união com Ele. Nisso, certamente, ele não foi no século 19, o que fora Inácio, o seu santo, no século 16; mas como Inácio, tornou-se uma testemunha de Deus.

Pouco sensível às necessidades dos tempos, compreende-se que, mesmo tido como santo, permaneceu à parte. Tudo o que dissemos mostra o caráter um pouco atemporal de sua espiritualidade.

Sua doutrina espiritual parte do fundamento inaciano. Ele sentiu imperiosamente ter sido criado por Deus e não ter outro fim senão glorificá-lo, mas sentiu, talvez mais profundamente que Inácio, a desproporção entre Deus e a criatura.

Segundo os biógrafos, a virtude que mais o caracterizou foi a humildade, e a humildade foi nele a expressão profundamente vivida de uma necessária e absoluta dependência de Deus. Neste seu comportamento elementar já existe a orientação mística de uma espiritualidade decididamente orientada para o abandono, firmemente marcada pela renúncia de toda iniciativa própria. Pe. Gaspar tem em comum com Rosmini o princípio da passividade. Este princípio, solidamente fundado sobre a doutrina, transformou-se, para Pe. Gaspar em uma vida mais oculta e mais seguramente contemplativa.

Esta vida contemplativa tem no Memorial e nas cartas escritas a Naudet, um testemunho de grande valor. A grandeza da obra de Deus não se revelou externamente, no sucesso dos empreendimentos, na importância do Instituto que ele fundou. Deus não o iludiu, mas operou, sobretudo, interiormente, e fez de sua alma, talvez uma das mais santas do século passado. Não temos documentos para seguir sua trajetória, mas podemos ao menos imaginar, na falta de escritos, que cada dia crescia o abandono de sua alma a Deus, através de da paz e humildade. As cartas a Naudet, em muitas ocasiões, abrem e dilatam seu coração e o consolam na esperança de grandes obras de Deus; todavia parece que só o fracasso o perseguia. Perseguiram-no a pobreza de uma vida mortificada por doenças contínuas, o fechamento da escola, a morte, a defecção dos discípulos; todos estes insucessos lidos à luz de um abandono cada vez mais humilde e puro.

Uma das máximas que hauriu da vida de S. Inácio, da autoria de Bartoli (ela é citada duas vezes no Epistolário e uma no Memorial) parece a mais característica da sua espiritualidade: "Pouquíssimos são os que conhecem o que Deus faria deles, se não fosse impedido em seus desígnios" (Epistolário, pg. 61, carta 19; Epistolário, pg. 66, carta 21; Memorial Privado, 18 de abril de 1811). À fé seguiu-se somente a fé, à esperança a esperança, ao amor o amor. Mas a fé tornou-se mais pura, a esperança mais humilde e forte (confirmam-se as cartas a Pe. Bragato), o amor mais simples e verdadeiro. Certamente, não temos na Itália, no começo do século 19, muitos escritos espirituais que se imponham tanto ao historiador pela clareza e vigor. A expressão não tem polimento; é cristalina, precisa, essencial. É um apelo forte, calmo de fé em Deus, a qual age no âmago do ser e pede à alma puro e absoluto abandono. Escreveu: "Um homem de oração nada mais faz que ir ao encontro daquilo que o Senhor dispõe na sua Providência. Não previne, não se adianta; tudo é ordenado e tranquilo. Não é precipitado, nem apressado. Aguarda o momento, as circunstâncias. Tudo isso seguindo Deus" (sobre o primeiro livro dos Reis, meditação 32, citação de "Um modelo de santo abandono", de Pe. Nello Dalle Vedove, pág. 199) .

Escreveu a Naudet: "O que Deus faz é sempre o melhor. Oh! mãos que se tornam mais sábias porque agem às escondidas! Entreguemo-nos a Ele, e nunca havemos de nos confundir" (Epistolário, pg. 37, carta 7).

"Felizes os que esperam na divina Providência. Eles não tem nada temer que possa impedir ou atrapalhar seus desígnios. Ela vai suave e fortemente dispondo tudo para o fim a ser alcançado; todas as coisas, prósperas ou adversas, a boa ou má vontade dos homens, sempre conduzem a Ela" (Epistolário, pág. 53, carta 14). Sobre isto volta na carta seguinte: "A vontade do Senhor se cumpre sempre e em toda parte. Bendito seja Ele" (Epistolário, pg. 54, carta 15). E ainda: "Basta que cada um(a) faça sua parte e reze com fé, pois Nosso Senhor, a cuja vontade se rendem e servem to-

das as criaturas (mesmo sem querer), será cada vez mais servido" (Epistolário, pág. 59, carta 17).

A vontade de Deus se realiza mais na santidade daqueles que se abandonam a ela do que nas obras exteriores. "Bendito seja o Senhor! Que sua vontade reine livre em nossos corações e se cumpra em todos seus sentidos. O Reino de Deus está entre vocês (cf. Lc 17,21)". "Eu sou o Senhor teu Deus, forte e zeloso (Ex 20, 5)! Eis, então, o amor de Deus, de tal maneira ativo e comprometido que se apodera de nosso coração a ponto de só Ele, aí, reinar, como Soberano Senhor e aí permanecer livremente e não como hóspede de mãos amarradas" (Epistolário, pg. 33, carta 5).

A eficácia da Vontade de Deus justifica a magnanimidade, virtude das grandes almas. Às vezes pode acontecer que o Bem, escreve Pe. Gaspar, por sua grandiosidade tem enorme força atrativa, ou movendo fortemente a vontade, ou, por efeito contrário, afastando-a de si (cf. "Pagine di Vita Cristiana", Prática sobre o amor a Deus, pg. 168). Pe. Gaspar quer, porém, que a alma se expanda na confiança e no amor, porque, se o conhecimento do próprio nada pode afastar o homem de Deus pela desproporção infinita entre criatura e Criador, o conhecimento do amor de Deus para com o homem e da eficácia de sua vontade justificam a abertura da alma aos desejos mais elevados, às mais altas esperanças, à prática do amor. A expansão da alma na esperança e no amor é condição e medida para a ação de Deus no coração do homem. "À medida que o espírito se abrir... pelo amor em Jesus Cristo, também se dilatará e se desenvolverá o plano magnífico da sua glória" (Epistolário, pg. 81, carta 28 a Naudet). E repete: "Convém ter grande fé e paciência: nada mais é necessário para contemplar as maravilhosas obras da Divina Providência" (Epistolário, pg. 77, carta 24 a Naudet).

Quando o homem tiver feito o pouco que pode e lhe é pedido por Deus, "Este, de sua parte, fará grandes coisas" (Epistolário, pg. 113, carta 47 a Naudet).

Se os defeitos "vão se tornando maiores a nossos olhos, devemos também tomar conhecimento maior de sua Bondade e Onipotência, brotando daí um crescimento maior de humildade e confiança..." (Epistolário, pg. 86, carta 32 a Naudet). Daqui, então, a entrega magnânima e decidida: "Vossa Senhoria não tenha medo, quando seu espírito confia em Deus; receie só ter medo" (Epistolário, pág. 102, carta 41 a Naudet). Não era outro o ensinamento que propunha a seu discípulo predileto, Pe. Luís Bragato; o tom, porém, é um pouco mais caloroso e mais familiar: "Um sacerdote deve entrar tanto na intimidade e familiaridade com Deus que possa ter a fé necessária para rezar à vontade. Na verdade ele prometeu: "a vontade dos que temem será feita" (Sl 144,19). Humildade e confiança. Oração e diligência, fé e paciência, amor e devoção, eis tudo: e Deus fará o resto" (Epistolário, pg. 321, carta 7 a Pe. Bragato). E na oitava carta: "Feliz o homem que espera em Deus. Oh! como a palavra de

Deus conforta as almas fiéis! Sua bondade, sua sabedoria, seu poder, Deus todo vem ao encontro do homem que confia Nele. Como pode ele não ser feliz? O que pode faltar àquele que confia no amparo do Senhor?" (Epistolário, pág. 323).

Pratica sempre o que ensina aos outros: "fazendo nossa parte, segundo a graça que Deus nos dá, Deus certamente fará a sua; e não me interessa saber o que Ele quer. Fico tranquilo acreditando firmemente que Deus pode fazer tudo o que quer, e faz sempre o melhor, ainda que muito diferentemente de nosso modo de ver, e talvez até o contrário" (Epistolário, pg. 325, carta 9 a Pe. Bragato). Assim podia exclamar: "Ó amorosíssima, ainda que ocultíssima, Providência de Deus! Quem poderá temer, permanecendo em suas mãos e sob sua proteção?" (Epistolário, pág. 326, carta 10 a Pe. Bragato).

Toda a doutrina de São Gaspar está sintetizada num texto da carta 19 a Naudet. Da máxima inaciana hauria a obrigação de não impedir a ação de Deus. A alma fica suspensa de admiração por tudo de grande que Deus faz através dela. Insuflado pela caridade, o amor do homem atrai o amor de Deus, até que seja completa a união entre Esposo e Esposa: "Pouquíssimos são os que compreendem o que Deus faria deles, se não fosse impedido em seus desígnios. Isto acontece, não só com os indivíduos, mas com toda a sociedade. Deve haver uma diligência especial de nossa parte para não impedir o que Deus pode e quer fazer de sua parte. "Vi tua obra e fiquei admirado", dizia Davi. Veríamos, de fato, - se caminhássemos com diligência, fazendo os outros caminharem juntamente - obras tão maravilhosas da mão onipotente de Deus, que ficaríamos não só admirados, mas acabaríamos fora de nós pelo assombro e pelo arrebatamento da admiração. Quão grande é a multidão de tuas delícias, Senhor, as quais reservaste aos que te respeitam! O amor a Jesus, nosso Senhor, seja sempre o estímulo que nos incite e nos apresse. A caridade de Cristo nos impulsiona, considerando que Ele corre e vem rapidamente a nosso encontro. "Eis que venho logo. Vem, ó Senhor Jesus. Esposa e Espírito repetem: Vem e o que ouve diga: Vem"(Ap 22, 12, 20,17)" (Epistolário. págs. 61-62, carta 19 a Naudet).

A obra de Deus é, essencialmente, a santidade da própria alma que se entrega a Ele, é a união nupcial que ele estabelece com ela. Nosso santo não admira nem vê outras obras. Não exclui a fundação da Congregação, as aulas, mas tudo é coisa insignificante diante da santificação da própria alma. Este pensamento está claramente exposto na carta 21 a Naudet. "Os grandes e estupendos efeitos da graça de Deus jamais poderão superar a santificação da própria alma que se deixa plasmar por Ele. De onde tirarei eu tanta força, para levar, além do peso enorme dos meus defeitos, a sobrecarga dos outros? E a minha enfermidade como ficará, sustentando e amparando outras almas? Porém, para isto Deus partilhou sua divina natureza, para que não vivêssemos, nem operássemos segundo a nossa; por isso, não devemos medir as forças da primeira natureza, mas da segunda que nos for comunicada pela graça de adoção,

fazendo-nos filhos de Deus. Vossa Senhoria percebe como Deus exige da senhora que, com tímidos pensamentos e afetos de sua primeira natureza, não impeça os fortes e maravilhosos efeitos da segunda. Pouquíssimos são os que sabem o que Deus faria deles (eles não teriam forças sozinhos) se não fosse impedido por eles em seus desígnios. Finalmente, e em última análise, tudo se resume em fé viva e oração constante. Deixemos que Deus, livremente, entre e possua esta alma que Ele tanto ama e procura uni-la a Si. Reconheçamos o tempo de sua visita. Supliquemos a todas as criaturas e a nossos sentidos que não perturbem esta alma, quando ela repousa no tálamo de seu Senhor" (Epistolário, pág. 66).

A orientação contemplativa desta espiritualidade é evidente. A ascese inaciana, mais que ordenada à ação apostólica, parece, sobretudo, preparação necessária à união mística com Deus. E as cartas a Naudet apresentam alguns textos que confirmam este caráter contemplativo, insinuando uma experiência mística de Pe. Gaspar. "Onde se aprende esta prudência não humana, mas celeste? E quem nos pede dar leis ou ensinamentos? Eis a *escola*, eis o *Mestre* que nos ensina segundo a Sagrada Escritura: "o Rei introduziu-me em seus aposentos, e ordenou em mim a caridade" (Cânticos, 1,3). É preciso deixar-se introduzir por este Rei que nos chama, nos convida, nos espera até que entremos no âmago de Seu amor com estas belas palavras: "ouve, vê e inclina teus ouvidos; esquece teu povo e a casa de teu pai, e o Rei apreciará tua beleza" (Sl 94,12). Para lá conduz a alma, para grande sorte sua, e a inebria com o vinho de seu amor. Este vinho precioso alegra, fortifica, transporta a alma fora de si, e unindo-a com Deus, a orienta perfeitamente: "infundiu em mim a caridade". Portanto, uma luz de admirável sabedoria e divina grandeza espalha-se na inteligência, para discernirmos tudo o que se refere a Deus, como resultado de o termos ou como meio para o possuirmos no futuro e de o glorificarmos no presente" (Epistolário, pg. 56-57, carta 16 à Naudet). As idéias, tradicionais em si, tem algo de novo nas formas de expressão. A cálida eloquência da frase, por si não tira da palavra o valor de testemunho, sobretudo se pensarmos que realmente o dom do conselho foi eminente em Pe. Gaspar, segundo quem o conheceu.

Outra passagem, talvez ainda mais bonita, embora menos expressiva: "Se queremos ver sua face sem véus ainda neste mundo... Ele também deseja ardentemente ver nossa face, pois vai dizendo: "mostra-me tua face" (Ct, 2, 14). E se desejamos ouvir sua voz, Ele deseja, mais ainda ouvir a nossa: "Soe tua voz aos meus ouvidos: tua voz é doce e tua face é bela" (Ct, 2, 14). Oh! admirável segredo do Divino Amor! Oh! Profundos abismos de Sua caridade! Quando seremos naufragos e abandonados neste mar imenso, a ponto de não mais vermos as praias desta nossa mísera terra?" (Epistolário, pág. 28, carta 3 a Naudet).

Se passarmos do Epistolário ao Memorial, podemos, então, certificar-nos do valor destas expressões. São efusões líricas ou lembranças de leituras e, ao mesmo

tempo, testemunhos de uma vida de união com Deus que conhecia a embriaguez do arrebatamento, a suspensão das faculdades, o puro perder-se no êxtase de qualquer recordação. Na verdade, o Memorial é mais comedido e mais árido nas expressões. Pe. Bertoní narra somente o que acontece, mas a palavra não vibra com a mesma emoção religiosa por ele percebida. O laconismo joga a favor da autenticidade do testemunho. O Memorial merecia certamente um estudo acurado para que pudéssemos salientar as características de uma experiência mística, que por muitas razões, parece não só próxima daquela de Inácio, mas verdadeiramente semelhante a do monaquismo antigo, tal é a compunção, o dom das lágrimas, o sentimento religioso de infinita reverência mais que de amor e alegria.

O "Memorial. Privado" de Pe. Gaspar, se fosse publicado sem comentários - e é o diário de cinco anos de vida - daria um livrinho de vinte e cinco páginas. São sempre poucas palavras, e nem sempre estas poucas palavras são indícios de experiência interior. Algumas vezes, por exemplo, são anotações extraídas da leitura de um livro, pensamentos que quer guardar para sua meditação ou para suas preces aos clérigos ou ao povo. Por dois meses ele resume dois pontos de pregações ouvidas, talvez, na Catedral. Se fossem abolidas estas anotações que não se referem diretamente a sua vida íntima, o livrinho ficaria ainda mais reduzido. E, no entanto, um livrinho tão pequeno continua sendo um dos grandes documentos da espiritualidade italiana do século 19. Supera, talvez, a importância que possa ter o Epistolário. Certamente, o "Memorial Privado" de Pe. Gaspar é inferior, como documento espiritual, ao Diário de Santo Inácio ou ao Diário de São Paulo da Cruz e, todavia, possui notável importância. São Gaspar é inaciano, mas inaciano ligado à vida contemplativa, de silêncio, de recolhimento, de união com Deus, de íntima transformação em Cristo.

Pe. Gaspar sente-se, verdadeiramente, filho do Pai, identificado com Cristo; expressa nestas anotações uma espiritualidade fundamentalmente mística. A insistência particular sobre o recolhimento, sobre a oração e, sobretudo, sobre o abandono em Deus, é a demonstração disso. Viveu esta virtude de uma forma que dificilmente se encontra em outros santos católicos. Jamais empreendeu alguma coisa se não atraído por Deus. Curtiu sempre máxima discricção no que se referia às iniciativas, mesmo em relação a seu Instituto. Jamais precedeu a ação da graça.

Este abandono teve um perfeito exemplo em sua doença. Em mais de 200 cirurgias que sofreu sem anestesia, não soltou um único lamento; somente quando, consciente, lhe perfuraram o fêmur, as lágrimas brotaram lentamente e lhe inundaram o rosto.

O primeiro texto do Memorial já demonstra o caráter essencial, típico da espiritualidade Bertoniana. Inaciano, ele reconhece o valor da obediência que é docilidade da alma à ação de Deus, que é reconhecimento da ação de Deus através dos

homens e dos acontecimentos. O primeiro texto não é muito importante, mas abre todo o Memorial e o abre numa direção precisa: o reconhecimento do valor da obediência; é a obediência que leva ao abandono à Providência que dirige concretamente a alma, através dos homens e dos acontecimentos. "Alguns obedecem não por amor a esta virtude, mas puramente para tranquilizar-se em seus temores; interiormente pensam de maneira muito contrária ao juízo dos superiores" (1º de julho de 1808). O homem não deve ter vontade própria: toda a vida cristã e, muito mais a vida religiosa, consiste nesta renúncia, para que Deus possa fazer aquilo que deseja. Já neste primeiro texto pode-se prever como tudo se encaminharia ao abandono. O homem não deve agir conforme sua vontade, mas depender em tudo da vontade divina.

O segundo texto do Memorial ("... muitas lágrimas de compunção e de afeto, em particular, na comunhão; senti por um momento o espírito como que desligado de toda criatura em obséquio ao seu Criador" - 2 de julho de 1808) é uma citação de experiência interior. E esta experiência que parece de caráter místico, nos introduz em uma atmosfera sagrada de reverência e de adoração. Também Inácio não quer beijar o Cristo nem no peito, nem no rosto, mas nos pés. Sentido de reverência diante do seu Deus, que é seu Senhor. Em Pe. Gaspar domina o sentido de respeito, de reverência. Daí a compunção, o sentimento de infinita distância entre o homem e Deus, o sentido do pecado.

As palavras, na sua simplicidade, deveriam ser estudadas. O espírito é "desapegado". Não é um desapego voluntário: o homem sente todo o liame quebrado, rompido; a graça o separa e o afasta de tudo. O homem sente-se isolado, nesta sua comunhão com a Divindade. A experiência mística de São Gaspar já fica bem caracterizada por este texto, que, se não é dos mais significativos, é, todavia, o primeiro que nos introduz no coração da mística Bertoniana. Este texto é completado pelo que ele escreve no dia 11 de julho de 1808: "Depois da Missa, na ação de graças, um sentimento mais vivo de fé na presença de Nosso Senhor, e muita confiança; um sentimento, ainda, de me oferecer para sofrer com Ele qualquer vexame". Ao respeito une-se a confiança; a ação da graça leva à conformidade com Cristo em seus padecimentos.

Em alguns textos do Memorial, nosso santo pedirá diretamente o martírio a Deus; a união com Cristo implica precisamente uma conformidade com Ele sobre a cruz: "acentuado desejo de seguir Nosso Senhor, mesmo a custo da vida, na pobreza e ignomínia" (25 de setembro de 1808). "Desejo e petição humilde do martírio. Grande fervor interno" (28 de setembro de 1808).

Com que delicadeza São Gaspar considera atentamente a ação secreta da graça para segui-la docilmente e não contrariar o Espírito! Escreve no dia 12 de julho de

1808: "Os caminhos de Deus são admiráveis e tornam-se objeto da mais doce contemplação, pois Ele se serve de meios delicadíssimos e tramas sutilíssimas para proteger a alma e retirá-la do abismo toda vez que ela se coloca a seu serviço".

Toda importância está nos adjetivos: meios delicadíssimos e tramas sutilíssimas; Deus tece a vida da alma, mas é necessária extrema delicadeza para que a alma note a ação de Deus e possa deixar-se modelar por Ele. Ainda lembramos a importância que tem para ele o manter-se atento ao desejo e à procura dos meios ascéticos.

"Quando a caminhada é muito longa para nosso desejo, este pode esfriar-se; que o homem imediatamente se coloque em movimento".

Em 24 de julho de 1808: "durante a Missa recebi do Senhor com muita suavidade, e de presente, um atual e contínuo desejo de oferecer meu trabalho ao sacrifício de Jesus Cristo". A união com o sacrifício de Cristo implica a aceitação de provas, dificuldades, desolações interiores; tudo isto com "muita suavidade". A união dos extremos é a prova da ação de Deus. A alma encontra-se nas mãos de Deus. A "muita suavidade" assegura a ação de Deus que leva a alma à transformação em Cristo: "Procurar somente Deus, ver Deus em todas as coisas, isto é tornar-se superior a todas as coisas humanas", escreve aos 30 de julho. A expressão é de fina densidade. Revela os atrativos da graça, a força que o eleva a Deus e a grandeza de ânimo de Pe. Gaspar. Espiritualidade que não poderia deixar de ser inaciana; parece que não há nada de carmelita.

Agostiniana é a máxima de 17 de agosto de 1808: "em uma alma na qual entra a caridade, desaparece a sensualidade". Depois é mais simples: (24 de agosto) "no fundo do próprio nada se encontra Deus. Ao perceber coisas elevadas de Deus, senti profundo conhecimento de mim mesmo".

Mas as coisas mais elevadas do Memorial são algumas breves anotações de mística trinitária. A primeira é de 24 de agosto de 1808. As palavras são simples, mas cada uma tem seu peso e expressão de elevada experiência: "à tarde, contemplando diante de uma imagem da Santíssima Trindade fui tomado por grande respeito e amor para com as três pessoas divinas. O eterno Pai, que estava com os braços abertos, explicava-me sua misericórdia e a fácil comunicação de suas luzes". No dia 27 de setembro de 1808 escreve: "sentimento do grande amor por parte da Santíssima Trindade em nos entregar o Filho; grande ternura para com ele, juntamente com fé muito viva, e grande desejo de união e de participação em suas dores e ignomínias. Mais ainda: pedido da graça para sofrer, e ser desprezado por causa d'Ele".

No dia 11 de Janeiro de 1809: "Na Missa, durante a Consagração sentimento muito vivo da presença de Cristo, como de um amigo (que) fala com outro amigo; e

ainda da presença do Pai, sentindo a distinção das divinas Pessoas em uma só natureza. Grande reverência e amor; durou até meia hora depois do recolhimento".

Os três textos que, pela maior extensão, nos permitem uma análise mais atenta da experiência e nos certificam de seu caráter místico são os que datam de 15 de setembro de 1808, 09 de outubro de 1808 e 30 de maio de 1812.

O primeiro nos mostra a íntima ligação de Pe. Gaspar com S. Inácio, seu santo: "Numa visita ao altar de S. Inácio com meus companheiros, experimentei muita devoção e recolhimento, com alguma suavidade interna e alguma lágrima, embora a visita fosse breve. Parecia-me que o santo me acolhesse bem e me convidasse a promover a maior glória de Deus, seguindo os mesmos caminhos, mas não por todos os modos, como ele fez. Parecia-me que queria nos dizer: coragem, soldados de Cristo, armaios de fortaleza, pegai o escudo da fé, o capacete da salvação, a espada da divina palavra e pelejai contra a antiga serpente; fazei reviver em vós o meu espírito e, também nos outros, por vosso intermédio".

O segundo. "Durante a Missa, às Secretas e ao Memento, pareceu-me que meu espírito, ficando, de certo modo, iluminado, sabia com quem falava; senti grande afeto e expansão de caridade ao rezar as orações. Depois, certas aspirações da alma para Deus, como de uma pessoa que, ao receber uma visita tão agradável, quase inesperada, exulta e sai, por assim dizer, fora de si mesma. Então, desejei que se tornasse mais clara a visão e mais forte o ímpeto para alcançar de vez o bem supremo; mas receando algum sentimento de vaidade, por estar diante do público, desci à consideração dos gravíssimos pecados; e, então, pude conhecer melhor a divina bondade, aumentando também o amor até se desfazer em lágrimas consoladoras, que duraram até depois da consagração. Entretanto, a fé e a confiança cresciam juntamente com a humildade e a reverência afetuosa para com Deus. Finalmente, na comunhão experimentei uma intensa devoção e afeto, como no dia da minha primeira comunhão, e que nunca mais tive depois. Assim fiquei durante uma hora, ou melhor, durante toda aquela tarde". O texto faz pensar em êxtase, mas o que mais importa é a recordação da primeira comunhão, que nos revela, como, desde criança, São Gaspar foi abençoado e admiravelmente marcado por escolha divina.

O último texto, de 1812. "Rezando antes da Missa, e sentindo um pouco de sono, ouvi o crucifixo dizer-me ao coração: Contempla este meu coração. Esta palavra iluminou-me subitamente a inteligência com luz maravilhosa, deu-me inigualável e repentino ardor ao coração; então, elevando o espírito para ver o amável objeto indicado, senti correr um arrepio pelo corpo todo, senti a boca e os olhos fechados; por outro lado, a alma estava plenamente confiante e cheia de alegria. Parecia que a alma quisesse separar-se do corpo; parecia morrer, mas ao mesmo tempo plenamente vivificada. Voltando-me novamente para ouvir quem falava, renovou-se o arrepio, co-

mo se acontecesse morte doce e lenta. Enquanto a alma prosseguia incerta do que devia fazer, pareceu-me que, se o fenômeno continuasse, teria ela morrido ou, ao menos, seria separada do corpo. Estando, assim, como que paralisada, permaneceu, entretanto, jubilosa nas mãos do Senhor, e se naquele momento tivesse eu morrido, continuaria ela totalmente serena. De repente, ela voltou a recuperar o uso dos sentidos como antes. A consequência foi uma terníssima devoção ao Sagrado Coração, e grande devoção durante a Missa. A alma se expandiu em doces lágrimas na Santa comunhão. Depois, grande recolhimento e suavidade por todo o dia, além da prática das três virtudes teológicas".

Estes textos são testemunho inequívoco de uma experiência mística de São Gaspar, embora menos importantes, talvez, do que outros mais sóbrios e mais característicos. Mostram-nos o que há de mais próprio e específico em sua espiritualidade. A dependência da espiritualidade inaciana manifesta-se, também, na experiência mística de Pe. Gaspar, que, quando fala de si, fica longe de usar os termos de uma mística nupcial, como no Epistolário. Pelo contrário, está todo imbuído de um sentimento de profunda reverência e de viva compunção, exprimindo-se com linguagem sem expressões líricas, sem eloquência, mas com extremo recato e sobriedade. Igual à de Inácio é a sua mística trinitária. Contudo, parece-me que a conformidade com Cristo na paixão seja um traço mais especificamente italiano de sua espiritualidade. É verdade que, também, nesta sua aspiração ele revive o terceiro grau de humildade dos Exercícios. Todavia, o modo de sentir, a vontade de participar da paixão, que se torna tão viva, tão ansiosa na celebração da missa, parece-me que não possam ser atribuídos a Inácio. Sua aspiração em transformar-se em Cristo é mais terna e mais forte.

Se sua mística é mais inaciana que carmelita, mesmo assim tem algo de característico. Inácio, da experiência de Deus, procurava, sobretudo, diretrizes e caminhos precisos para a ação. Pe. Gaspar, ao contrário, permanecia todo entretido na contemplação das obras de Deus. Certamente não recusava a ação, mas no íntimo sua atitude era de admiração por tudo o que Deus executava nele, abandono humilde e cheio de amor pela "Sua" ação.

O que distingue sobremaneira a espiritualidade de Pe. Gaspar é a orientação decidida e contínua para o abandono. Ele mesmo percebe ter recebido uma vocação especial para o exercício heróico desta virtude. Deus não o uniu a Seu Filho no exercício do ministério, mas à sua paixão, com a doença, o sofrimento e a prisão ao leito por longos anos. E, ele abandonou-se humildemente à ação crucificadora de Deus, até a morte.

O AUTOR



Divo Barsotti é sacerdote, monge, fundador da "Comunidade dos Filhos de Deus".

O texto traduzido do italiano é excerto (páginas 11-29) do livro "*Magistero di Santi. Saggi per una storia della spiritualità italiana del'ottocento*", vol. I, Editrice A.V.E., Roma 1971, 176 páginas.

Divo Barsotti nasceu em Palaia, província de Pisa, na região da Toscana, Itália, em 1914. Alguns anos após a ordenação, mudou-se para Florença, onde deu início ao ministério da pregação e de escritor. É unanimemente reconhecido como místico e um dos intelectuais mais importantes de nosso tempo. Sua produção abrange mais de 150 livros, muitos deles traduzidos para outros idiomas, entre os quais o russo e o japonês. Ainda contribuiu com centenas de artigos para jornais e revistas especializadas em espiritualidade. Seus trabalhos incluem comentários à Sagrada Escritura, estudos sobre vida de santos, obras de espiritualidade, diários e poesias. Pode-se constatar seu poder e valor de criação literária consultando o site da Comunidade dos Filhos de Deus, em www.figlidiidio.it.

Lecionou na Faculdade teológica de Florença. Foi agraciado com várias premiações literárias como escritor e religioso. Pregou em todos os continentes e, ultimamente, foi colocado entre os dez personagens religiosos mais eminentes do século 20 no livro "História da espiritualidade italiana", organizado por Pe. Zovatto (*Edizioni Città Nuova*).

Desde 1956 vive com seus monges em um pequeno mosteiro dedicado a São Sérgio de Radonez, nas encostas das colinas de Florença.

†
†††
†